

*O dobrar dos sinos
e outros contos*

Renata Soltanovitch

São Paulo – junho/2026

2ª edição

Estes textos foram escritos em março de 2022 e publicado inicialmente em meu site, sendo posteriormente retirado para algumas alterações.

Após mais de quatro anos, decidi incluí-los novamente — desta vez com um propósito especial: destinar os direitos autorais desta edição ao Geebem – Centro de Estudos Espíritas Bezerra de Menezes, com endereço na R. Capellen, 36 - Jardim Caravelas, São Paulo - SP, 04728-040-www.geebem.org.br e, conseqüentemente, aos trabalhos sociais que a instituição apoia.

No site deles - www.geebem.org.br - há uma relação de organizações parceiras para que o leitor possa contribuir diretamente, seja por meio da doação de alimentos, medicamentos, roupas ou produtos de limpeza.

A sua ajuda pode transformar vidas — esse é o verdadeiro impacto desta obra.

Divirta-se!

CONTO I

- O dobrar dos sinos -

Quando o dobrar dos sinos verberou o som, o escrivão se benzeu, fazendo o sinal da cruz, como havia sido ensinado por sua avó, sem se dar conta de onde ficava a igreja.

Havia ajustado com o seu chefe delegado de polícia que iria à missa com ele e sua família, então foi encontrá-lo em sua residência, no bairro da Liberdade.

A casa em que o delegado estava temporariamente hospedado era arborizada, em frente a uma pracinha bem cuidada, cheia de girassóis.

Já a casa do delegado se dizia ser mal-assombrada, pois, num passado bem distante, era um presídio somente para escravos foragidos, mas não eram integrantes da delegacia que se preocupavam com este detalhe.

Vivia tranquilo naquela enorme casa da Rua da Gloria, com seus inquéritos para relatar, seus livros para folhear e sua mulher para amar.

A família era grande. Além do delegado e de sua mulher, ele tinha três filhas, os sogros, cachorros, gatos, uma tartaruga e, é claro, as quatro serviçais. Afinal, a casa era grande e precisava manter-se limpa.

Embora adiantados para a missa, e a Igreja da Sé não era tão longe assim, era natural que fossem a pé, e naquele domingo o cocheiro já aguardava seus passageiros na saída da igreja.

As crianças, embora não pudessem sujar suas roupas de domingo, ficavam felizes por poder caminhar um pouco.

Já as serviçais ficavam felizes por ter um período de folga para ir até o terreiro que ficava próximo dali.

O delegado cumprimentava a todos sorridente, pois sabia que poderia haver rumores de que seria o próximo governador. Em verdade, apenas sua esposa não gostava da ideia, pois, se como delegado já era assediado por mulheres, imagine como governador. Mas assentiu, pois escolhera cuidar da casa e das crianças. Sem lágrimas, sem risos e sem efeitos. Apenas lhe restava aceitar.

Já na igreja, o delegado estava sob o olhar de admiração de todos. Fofocas, cochichos, olhares estranhos.

Sua família se sentiu desconfortável, pois não entendia o que estava acontecendo.

– Senhor delegado, o que está acontecendo aqui? – perguntou o escrivão, cheio de curiosidades.

– Não sei – respondeu o delegado. – Acredito que seja porque sabem da minha eventual nomeação como governador. Só pode.

O padre chamou para a missa. Abriu-se a Bíblia e passaram a desfrutar do sermão.

Os minutos voavam, ao contrário do hábito dominical, pois toda vez que o escrivão comparecia a uma missa, as horas pareciam uma eternidade.

Não ligava para elas – missas, diga-se de passagem.

Entretanto, um pequeno trecho do sermão lhe chamou a atenção, acordando-o dos devaneios que lhe cabiam àquela hora de domingo, ainda entediado pelas extravagâncias da noite anterior, ocorridas no puteiro que ficava na parte final da Rua dos Estudantes, quase chegando ao Glicério.

– Você está se sentindo bem? – perguntou a mulher do delegado ao escrivão.

– Sim, desculpe. Só despertei com a frase do padre.

– Meu marido me falou que ontem vocês trabalharam até tarde! Coitadinhos... eu vi a hora que ele chegou. O galo da vizinha já tinha até dado sinal de vida.

O escrivão, meio sem jeito, aquiesceu com a cabeça, de forma que a mulher, com seu instinto feminino, logo desconfiou de algo. Mas preferiu se voltar à missa.

Era uma mulher que ainda resgatava traços de beleza. Vestia um belo vestido de cetim rosa, com uma faixa branca na cintura. Sendo magra, tinha um ar de elegância.

Sua maquiagem era leve, discreta. Parecia não ter muita expressão facial.

Ela olhou para o escrivão novamente e comentou:

— Sabe, aquela casa é mal assombrada. Tenho certeza! Quando meu marido não está em casa, as crianças estão dormindo e meus pais, bom, já são idosos e não ouvem quase nada... eu ouço vozes, principalmente de um choramingo no quintal. Não sei explicar direito.

— A senhora já comentou com seu marido?

— Sim, mas você conhece seu chefe. Não acredita em nada. Mas sei que você acredita, minha serviçal já comentou que vocês frequentam o mesmo terreiro. Você tem que me ajudar.

Os ocupantes do banco da frente, que já estavam de joelhos àquela altura da missa, olharam os dois de forma a censurá-los pela conversa.

O delegado, que havia acompanhado a missa do altar, a pedido do padre, nem prestava atenção na sua esposa, pois se imaginava governador e deliciou-se em seus pensamentos.

No fim da missa, enquanto o delegado se demorava em cumprimentar os fiéis, o escrivão afirmou que iria ajudá-la, desde que ela fosse discreta e, de preferência, informasse seu marido sem muitos alardes, no que ela consentiu.

— Pode deixar escrivão, faço isto com cautela.

O delegado nem se preocupou com os devaneios da mulher e se demorou, ao lado do padre, na despedida dos fiéis, enquanto seu escrivão acompanhava a família no coche, de volta para casa.

Logo que chegaram a casa, as crianças foram trocar de roupas para brincar no quintal, mas foi nos primeiros passos na escadaria da entrada principal que o escrivão sentiu que uma mão lhe pegava as canelas.

Assustou-se.

Olhou para o pé da escada e nada viu, e falou em alto e bom tom:

— É aqui!

A esposa do delegado, ainda vestida de domingo, agachou-se e, com as próprias mãos, passou a tirar os caquinhos de cerâmica vermelhos que enfeitavam a entrada, mas sua serviçal, logo vendo a cena, trouxe-lhe uma enxada e, sem demora, estavam a retirar todo o concreto do lugar.

Ali se viu, depois de tanto escavar, um crânio feminino, como se olhasse para quem estivesse pisando em seu corpo frágil, que ali estivera enterrado, por muitos e muitos anos.

O escrivão, com seu talento para descobrir mistérios, conseguiu a informação de que se tratava de Helena, uma pobre mulher que se apaixonou por alguém de uma classe superior à sua, filho do dono da casa. Foi açoitada até a morte e ali mesmo enterrada, para servir de exemplo aos demais.

Que bom que os tempos mudaram! – pensou o escrivão, dando o caso por encerrado.

CONTO II

– A procissão –

Nunca se pode duvidar de um sentimento íntimo. Daqueles que até o mais católico entende nem mesmo dividi-lo com o padre da paróquia local. Mas a vida segue o seu rumo e os desejos vão embora da mesma forma que vieram.

Marcelo estava hospedado na casa do primo de seu pai.

Antonio já era um escrivão de polícia calejado e acostumado com tudo o que acontecia na cidade.

Em dias de procissão, sabia que a polícia militar ficaria de butuca, para que nada desse errado, até porque, sendo a cidade bem católica, o prefeito aproveitaria este momento para angariar a simpatia do povo.

Antonio sabia que nada daria errado e foi ao truco.

Sua esposa, Regina, sabia que os dias do truco eram quando seu marido encontraria e passaria a noite com a amante.

Regina já aceitava isto e, embora não fosse velha, vivia confortavelmente em uma casa assobradada, sem precisar trabalhar e com duas empregadas à disposição. Viagem à Europa duas vezes ao ano e sem precisar medir esforços com gastos pessoais.

Isso lhe bastava, pois era o centro das atenções naquela cidade.

O fato é que Marcelo estava lá para um estágio, pois acabara de passar no concurso também para escrivão de polícia e começaria seu trabalho naquela pequena cidade.

– Você vai acompanhar a procissão? – perguntou Regina, ao ver Marcelo na sala de estar, elegantemente vestido de terno e gravata.

– Estou tendente a ir. Nunca fui a uma procissão e conhecer os costumes da cidade facilitará o meu estágio.

A resposta foi educada, mas o fato é que Marcelo mal olhou para Regina, não só em respeito ao primo de seu pai, mas porque a mulher não era nem um pouco atraente.

Pelo menos essa foi a primeira impressão que teve, até Regina pedir que ele esperasse uma meia hora, para que pudesse se arrumar e irem juntos à procissão.

As empregadas já tinham ido e não voltariam aquela noite para casa.

— Minha nossa senhora! — pulou Marcelo da cadeira, ao ver Regina montada em um salto preto, toda maquiada e com um belo vestido negro.

Regina sorriu ao perceber o quanto de encantamento Marcelo sentiu ao vê-la e, ali mesmo, sob a luz da lua e enquanto a procissão em um cortejo religioso lhe passava à janela, entoando canções e cânticos, eles fizeram amor de forma visceral.

Quando tudo acabou, Regina gargalhou, levantou satisfeita e foi para seu quarto se lavar, arrumou-se novamente e acompanhou o final da procissão já na porta da igreja, com o mesmo balanço do corpo que Marcelo tinha visto há pouco.

E, entre o padre e a missa, Marcelo não acreditou no que havia se passado há menos de uma hora.

Na manhã seguinte, no café, Regina pareceu-se como sempre, natural e sem graça, pelos menos aos olhos de Antonio.

CONTO III

- Foram só 5 minutos -

Dalva havia ido até o portão papear com a vizinha. Sempre no mesmo horário, ambas se juntavam para falar mal de outra, e era justamente no horário em que ela saía para trabalhar, toda emperiquitada, com sua saia colorida, seu salto alto e seus brincos escalafobéticos.

Fofocas à parte, não se lembrava de quanto tempo ficou, mas se deu conta do silêncio da casa.

Trancou o portão e se deparou com seus pequenos filhos desacordados na cozinha. O cheiro de gás estava insuportável.

Quando os examinou, percebeu os filhos mortos e todos os botões do fogão ligados, mas sem o fogo acesso.

Desesperada, pegou a faca, cortou os pulsos e esperou, pacientemente, o seu corpo ser esvaziado enquanto o sangue escorria pelo quintal.

A vizinha, logo após o almoço, estranhando que Dalva não saía para levar seus filhos até a escola, gritou pela morta e, percebendo que não havia movimento pela casa, gritou por socorro.

Seu marido, que ficava às voltas com sua secretária particular, ao chegar em casa no entardecer, foi informado pela polícia da extinção de sua família.

Isso lhe fez se sentir culpado, e então ele pegou o carro e o atirou da ponte, cometendo, assim, suicídio!

A casa ficou abandonada e seus vizinhos então passaram a escutar vozes saindo dali.

Ninguém, absolutamente ninguém, conseguia passar uma noite sequer na casa, nem mesmo os mendigos e moradores de rua da região.

A casa foi de se deteriorando e virou abrigo de gatos de rua, que ali se reproduziam.

Com o tempo, a casa virou ponto turístico, mas, de qualquer forma, ninguém mais teve coragem de habitá-la!

CONTO IV

- Os sapatos do defunto -

O doutor Joaquim já estava desenganado pelos médicos. Não esperaria muito, poderiam ser algumas semanas, se não fosse menos.

Não aproveitaria para ver o fim dos muitos processos em que atuou como advogado.

Muitas vezes a vida é mais longa que um processo! Ou será o contrário disso?

O doutor Joaquim sempre foi um causídico insistente. Não se dava por vencido. Era recurso atrás de recurso.

Sempre dizia, orgulhoso:

— Nunca perdi um processo! Era meu cliente que não tinha razão.

E, entre uma petição e outra, sempre fazia questão de ir pessoalmente ao Fórum, seja para tratar direto com o escrevente do ofício, seja para palestrar ao magistrado.

Um dia, passou mal. Desmaiou em pleno tribunal.

Os meirinhos que já o conheciam ligaram para seu neto, que lhe servia como office boy.

Depois de idas e vindas ao médico, sempre acompanhado de seu neto, que também lhe servia de acompanhante, foi dado o diagnóstico de fim de vida.

O padre Inácio, chefe eclesiástico da Igreja da Sé, que lhe era muito amigo, já encomendou a missa e, à espera do corpo, tratou com seu neto os cuidados do avô, ainda vivo.

Os amigos da lida forense foram avisados e muitos estavam ansiosos pela sua morte, pois certamente os processos que patrocinava teriam um acordo, um substantivo masculino que não era usado pelo advogado.

A verdade é que ele era muito mais que um advogado combatente. Era um homem insuportável, exigente e mal educado.

Seu neto, filho único de um pai morto, que também era filho único do doutor Joaquim, era o único que sabia lidar com ele.

Entretanto, com o passar dos dias, o doutor Joaquim não mais reconhecia seu neto e, no final da tarde, lhe perguntou de uma forma um tanto quanto assombrada:

— Você é gatuno?

— Não, vô, sou seu neto Rafael. Não está se lembrando de mim?

O doutor Joaquim deu de ombros, mas não passou muitos minutos para pegar seu guarda-chuva e, de repente, espancar o neto, como se ele fosse um bate-carteiras da Praça da Sé.

Não tardaram outros dias e outras ocasiões de xingamentos. Um dia, como não lhe desse tempo, pegou o sapato e atirou-lhe na testa, deixando seu neto com um belo galo.

– Estou enlouquecendo, vendo a morte me pegar – dizia o doutor Joaquim, tão logo as primeiras estrelas da noite começavam a bilhar.

– Qual o quê, vovô! Ainda terás tempo de usufruir de seus honorários advocatícios.

– Você acha que sou burro, garoto? – resmoneou com muita raiva.

No fundo, sabia que não duraria muito mais que algumas semanas. O fim estava próximo.

Rafael tentou impor alguns cuidadores para ajudá-lo nos momentos mais difíceis, mas as injúrias a esses profissionais eram intensas.

Os amigos do advogado sequer apareciam mais para visitá-lo. Nem para ficar cinco minutos.

Rafael estava exausto e, por mais que gostasse de seu avô, tinha mais hematomas do que um lutador de MMA.

Não havia um único momento de sossego. Nem na hora do sono.

Em uma noite muito escura. Logo após a saída do cuidador que lhe ministrou os remédios e o banho para uma troca limpa, o doutor Joaquim, em um repente do que havia vivido nos idos de 1954, um pouco antes do suicídio de Getúlio Vargas, sob o movimento da panela vazia, ocorrido em frente ao seu escritório na Praça da Sé com o objetivo de atacar o governo de Vargas, pegou a frigideira que se encontrava lavada no escorredor de louça e começou a gritar palavras de ordem. Em menos de um minuto, lançou-a em direção a seu neto, fazendo com que Rafael, ao ser alcançado em cheio, se atirasse contra o doente, pondo-lhe as mãos pesadas naquele pescoço frágil – e o esganou.

Quando percebeu a extinção do seu avô, ali, à frente de seus olhos, assustou-se e foi à sala, aumentando o volume da TV, que permanecia ligada 24 horas por dia, para amenizar o sofrimento da casa.

Rafael permaneceu sentado até o dia amanhecer, sem se dar conta de que assistia a Sala especial, protagonizado por Wilza Carla.

Com os primeiros raios de sol, voltou ao quarto de seu avô, vestiu-o com o seu terno preferido, fazendo com que o nó da gravata escondesse os dedos marcados no pescoço.

Ligou para o médico da família, que, em menos de uma hora, atestava o óbito sem examinar o corpo morto.

Missa pelo padre Inácio, sepultamento do corpo no cemitério, túmulo contratado com obra de arte e epitáfio com frase de Rui Barbosa.

Entretanto, nada disso aliviava a consciência de Rafael.

Amigos de seu avô apareceram no enterro de todos os lugares, mais para ter certeza da morte do que para homenagear o morto.

Já no cemitério, com o corpo sepultado e sozinho observando o caixão soterrado de cimento fresco, Rafael ouvia de longe:

– Caim, que fizeste de teu irmão?

Como não viu ninguém a sua volta, preferiu partir, antes que o cemitério cerrasse as portas e ali ficasse preso.

Perdeu-se e deu de cara com o mausoléu da polícia militar e, assessorado pelo PM de plantão, foi reconhecido por ter sido filho de um soldado morto em combate nas ruas do centro de São Paulo.

Voltou para casa cabisbaixo e não tardou para saber que seu avô teria lhe feito, por garantia, um testamento, deixando-lhe todos os bens e suas apólices de seguro.

Rafael passou a viver de forma confortável financeiramente.

Repassou todas as ações judiciais que seu avô patrocinou para outros colegas e ainda lucrou com isto.

O tempo foi passando e ficando só as memórias. Fracas, poucas e afastadas!

CONTO V

- O homem do peixe -

Todo cuidado e segurança para entrar no Tribunal.

Além de passar pelo detector de metais, era preciso ser revistado e, se o segurança cismasse – e não deveria ter cisma ou desconfiômetro, e sim técnica de abordagem –, sua bolsa era aberta e seus pertences espalhados pela esteira, sob os olhares curiosos de outros colegas.

A regra para entrar no Fórum era “menos é mais”, e assim se evitavam constrangimentos desnecessários.

Seja lá o que for, um dia, um jovem rapaz de aparência simples, office boy em início de carreira, a pedido de seu patrão, foi ao Fórum apenas para protocolar uma petição.

Já nem era tão tarde, mas o expediente forense estava prestes a encerrar, não havia mais magistrado no prédio, e, portanto,

desnecessário tanto rigorismo. Até porque o segurança estava cansado e o garoto comprovou que tinha uma petição na mão, mas carregava na sacola um peixe e algumas castanhas.

Pergunta-se: quem entra com um peixe no Fórum?

Mas ele entrou, protocolou sua petição e deixou o peixe na lixeira. O que ninguém sabia é que, ao invés de suas vísceras, o peixe guardava em seu interior uma bomba, prestes a estourar, no dia seguinte, no horário de maior movimento do expediente forense.

Vão-se os anéis e, aqui, também vão-se os dedos!